

Revista
PRAIAVERMELHA
Estudos de Política e Teoria Social

v. 23 n. 2
Julho/Dezembro 2013
Rio de Janeiro
ISSN 1414-9184

Revista Praia Vermelha	Rio de Janeiro	v. 23	n. 2	p. 321-624	Jul/Dez 2013
------------------------	----------------	-------	------	------------	--------------

Marxismos e “alarme de incêndio”: contribuições de Marcuse e o Manifesto Comunista

Rogério Lustosa Bastos

RESUMO

Discutem-se as contribuições do marxismo no século XXI, particularmente através de Marcuse, que destacamos: crítica ao capitalismo tardio, o qual, além de se reproduzir no mundo de maneira bárbara, subscreve as condições materiais e subjetivas (Homem Unidimensional); questão de se fissurar essa “unidimensionalidade” através da dimensão estética, principalmente fazendo um trabalho sobre as consciências (discussão da criação de subjetividades rebeldes); possibilidade de que esse trabalho se concretize, sobretudo, inspirado nos valores e sentidos que estão propostos no Manifesto Comunista.

PALAVRAS-CHAVE

Marcuse e Capitalismo atual.
Dimensão estética.
Manifesto comunista.

Recebido em 06/01/14.

Aprovado em 22/07/14.

Marxisms and “fire alarm”: Marcuse’s contribution and The Communist Manifesto

This text discusses the contributions of 21st century Marxism especially through Marcuse’s viewpoint. Amongst those, a criticism on late capitalism which, besides being reproduced worldwide under barbarian circumstances, embodies the material and subjective conditions (One-Dimensional Man) for the cleavage of such “one-dimension” under an aesthetic dimension, especially when working with awareness (the emergence of rebel subjectivities). In addition to that, the quest to sediment such a cleavage should increase the chances to bring it about, if inspired by the values and senses proposed in the Communist Manifesto.

KEYWORDS Marcuse and contemporary capitalism. Aesthetic Dimension. Communist Manifesto.

*“Nos tempos que virão não se dirá que os tempos eram sombrios.
Mas: por que os poetas se calaram...”*
Brecht

Introdução

Partindo do pressuposto de que o homem desenvolveu atualmente artefatos atômicos que podem aniquilá-lo, bem como inventou armas químicas que destroem a vida humana, mas preserva as ditas propriedades privadas; baseando-nos em crescentes conflitos urbanos, os quais não só são observados em distintas cidades do planeta, como também ainda se traduzem pelo grande aumento da violência: matando crianças, velhos, mulheres, jovens de todas as idades e classes sociais; considerando essas e outras misérias que se alastram pelo mundo, principalmente pelo fato de que a economia mundial cresce, mas apenas beneficia uma ínfima parcela da população em detrimento da grande maioria (neste último grupo, por exemplo, há pessoas que vivem, em média, com dois dólares por dia); diante desse e de outros fatores que indicam um quadro de barbárie, qual será a grande contribuição dos marxismos no século XXI?

Este artigo, com título inspirado em aforismo de Benjamin (2012)¹, defenderá que uma das grandes contribuições desses marxismos se situa no fato de que, ao se opor ao capitalismo globalizado, o qual cria explorações, alienações e escravizações em prol do lucro, essas perspectivas, como se dizia, funcionam como um “alarme de incêndio”. Obviamente este “alar-

1 Michel Lowy, ao comentar o aforismo “Alarme de incêndio”, o qual está na citada obra, aponta: (a) W. Benjamin, à época, criticava a produção de armas químicas que estavam sendo fabricadas para serem usadas nos conflitos armados de seu tempo. Daí que esse “alarme” teria que soar, pois, dizia à época, estávamos caminhando para a autodestrutividade social; (b) há aqui um dado curioso: mesmo que Benjamin tenha morrido antes da criação da Bomba Atômica, esse “alarme”, mais do que nunca, é atual (Lowy, 2012).

me” tem que soar, pois quando as relações capitalistas crescem, elas cunham também uma situação insustentável: afora destruírem o meio ambiente, elas levam a conflitos crescentes ao campo e aos aglomerados urbanos, bem como ao conjunto de todas as relações humanas. Ora, basta pensar que se o capitalismo avança por que se baseia principalmente no pressuposto de que a ganância e o ultra-individualismo é algo bom; se ele, em nome de lucros cada vez mais crescentes, estimula o lado do homem ser o lobo do próprio homem. Enfim, diante disto, exercendo a crítica, chegaremos à conclusão de que a humanidade está correndo sérios perigos, na hipótese de continuar submetida a tal ordem. Daí que, como nos disse Brecht, independentemente dos tempos serem sombrios, não podemos nos calar e assim precisamos nos opor e propor saídas para que se enterre de vez a ordem capitalista. Esta, além de não ser algo natural, antes de tudo, ela é uma criação histórica.

Ora, considerando que cada vertente do marxismo terá uma proposta para combater o atual capitalismo, neste artigo apresentaremos a visão de Marcuse. Desta forma, diante do “alarme de incêndio” e na tentativa de se opor a esse processo de barbárie, vamos discutir Marcuse da seguinte forma: na primeira parte do artigo, pela crítica ao capitalismo tardio no combate ao seu modo de vida que o filósofo denomina de o “homem unidimensional”. Nunca é demais apontar que essa “unidimensionalidade”, ainda que quase ninguém perceba, pois está em “todo lugar e em lugar algum”, é responsável por ditar uma espécie de visão única de vida tanto para as condições concretas quantas subjetivas em todas as partes do planeta. E o pior, tal fato ocorre principalmente a partir dos corações dos homens, de forma que, agora, eles passam não só a “desejar”, mas também a identificar paradoxalmente sua suposta “felicidade” as grandes marcas e ao consumo; fazem isto se dizendo livres, mas sem enxergarem que estão cada vez mais aprisionados a tal modelo apequenado da ordem em questão.

Na segunda parte deste artigo, agora continuaremos o debate analisando a possibilidade de se criar resistências a tal consenso em prol do partido único do mercado. Para tanto, pretendemos trazer à baila a dimensão estética de Marcuse, a qual poderá dar elementos para fomentar uma consciência crítica e histórica (subjetividade rebelde). Partindo do pressuposto que o capitalismo tardio produz uma consciência totalmente a mercê dos valores da sociedade de consumo, aprisionando a todos, ou quase todos ao referido modelo unidimensional, aproximaremos a estética de Marcuse aos valores e sentidos que, em síntese, estão no Manifesto Comunista (Marx- Engels, 2001).

O homem unidimensional no plano das condições concretas e subjetivas

Habermas (1980), estudando a questão da arte e da política, aponta-nos que existem três tipos principais de estudiosos: uns estudam o coração das coisas, outros o coração dos livros e alguns o coração dos homens. Estudar e criticar o atual capitalismo globalizado, o qual, como vimos, tem a pretensão de dominar o homem em sua totalidade, rubricando suas condições materiais e subjetivas, é uma questão importante para os pesquisadores da Escola de Frankfurt. Dentre eles, por exemplo, Marcuse se debruça sobre esse problema, sobretudo, relacionando-o à questão da subjetividade. Sim, para ele, infelizmente o capitalismo está eficazmente se impondo pelo planeta, não só porque dita as condições materiais, como agora “ocupa” a própria subjetividade humana. Daí que sob tal sujeição, em vez de ser o próprio homem que pensa, fala e sente, ele agora passa se expressar pelo “desejo”, pela “fala” e pelo próprio “pensamento” das mercadorias. Com vistas a desenvolver essa crítica da perspectiva do filósofo em questão, bem como refletir sobre as possíveis resistências ao modelo de pensamento único do mercado, o qual aqui também é sinônimo do Homem unidimensional, eis o tema que trataremos na sessão deste artigo.

Para ilustrar, discutamos esse problema através do conto “A morte de um funcionário”, de Tchekhov (1987). Na Rússia pré-revolucionária, de acordo com o conto, havia um funcionário que além de ocupar uma função simples em sua repartição, diante de um dos seus ditos “tempos livres”, vai assistir um concerto no Teatro Municipal. Então, momentos antes do espetáculo começar, subitamente ele espirra em um general, o qual ocupava um posto chave na sua instituição de trabalho. Quando Tcherviakov –nome do funcionário– emite esse espirro que cai na farda impecável do general Brizjalov (o “grande chefe” da cidade), esse fato que se somará ao que virá em seguida, cria um clima de desconforto. O funcionário pede imediatamente desculpas, dizendo que aquilo foi involuntário e deselegante, mas não houve intenção de desrespeitar ninguém. Diante da resposta da suposta vítima, dizendo-lhe que aquilo não foi nada, Tcherviakov se ajoelha e falando alto, diz: “Suplico-lhe, ó general, perdoe-me por tal abuso!” O general, replica com firmeza: “Eu disse que não foi nada! Volte para o seu lugar, quero escutar o concerto!” Resumindo, esse episódio acabou prejudicando o trabalhador, o qual, pela escrita de Tchekhov, para se punir por esse “erro”, pagou um preço muito alto: ele, após se humilhar no teatro, vai para casa e depois de narrar esse episódio para sua mulher e escutar

dela que deveria “deixar isso de lado e seguir em frente”, de manhã, toma outra decisão. Tcherviakov, bem cedo, em vez de ir para o trabalho, bate a porta do tal general para se retratar. Ao avistá-lo novamente, Brizjalov começa a berrar e lhe diz: “Saia daqui! Nunca mais quero vê-lo!” Nosso trabalhador vai amargurado para sua casa. Lá chegando, ao se deitar no sofá da sala, é acometido por mal súbito e morre.

O que isso implica? Antes de discutirmos propriamente esse conto, vejamos o conceito de Homem unidimensional. Este, de acordo com Marcuse (1982), além de ter uma relação com a subjetividade do capitalismo hegemônico, em resumo, significa o seguinte: (a) nos anos de 1960, apesar de o mundo estar sob a bipolaridade americana e russa, Marcuse (1969b) previu que o socialismo soviético, além de não ser socialista, estava fazendo um jogo favorável aos Estados Unidos, ou seja, o fato era que, assim, o capitalismo iria vencer e dominar globalmente o mundo. Diante desta vitória, a ordem capitalista se firmaria por todo o planeta, sobretudo, criando um modo de vida consensual a favor dos valores do mercado. Este “modo” não só acabaria agindo sobre as diferentes pessoas e lhes colocaria sob uma teia de um “partido único do mercado”, como também se apresentaria pelo tecido social através de uma “racionalidade” cujo sentido seria bem mais eficaz, principalmente em relação a todas as formas de domínio até então vivenciadas. Na realidade, essa “eficácia” se daria, de um lado, pelo fato de que o capitalismo atual subscreveria as condições concretas pelo modo de vida econômico, ideológico, político². De outro, se firmaria, mais do que nunca, pois se “ocuparia” agora a subjetividade humana, reproduzindo, dentro do cerne das paixões inconscientes de cada pessoa, esses valores do mercado. (b) Esta última implicação, no caso, seria feita com o apoio da tecnologia e da ciência. Aqui, ocorreria então uma aliança

2 Sob essa égide do dito “consenso global”, diz-nos Marcuse (1982), ele avançaria sobre todos e tudo a nossa volta, de forma que ficaria difícil até detectar um aspecto totalitário que aí estaria embutido: haveria partidos políticos, inclusive com ares de “esquerda”, mas todos esses partidos poderiam questionar o que for, mas menos mudar de fato os pressupostos básicos do “deus mercado”; existira a oposição ao dito partido único vigente; contudo, essa dita oposição seria a “oposição” dos sonhos que toda tirania gostaria de ter (quando se falasse em mudanças, no fundamental, elas “mudariam para não mudar”). Haveria a dita “liberdade de imprensa” e outros direitos do cidadão, porém tudo isto quando existisse, seria sempre em prol da ordem do mercado. Daí que, viver sob esse mundo da unidimensionalidade em questão, paradoxalmente, a liberdade seria servidão, a emancipação do pensamento uma prisão e assim por diante.

entre o capitalismo e a ciência da subjetividade (a psicanálise). Tal “aliança” se daria especialmente na “captura” dos valores das ideias freudianas: onde se lê que seria necessário submeter o indivíduo ao conjunto de leis simbólicas, a fim de que ele se estruturasse sob o princípio da realidade, leia-se que diante da captura favorável aos valores da ordem, agora o “princípio do prazer” passaria a ser o “princípio de desempenho”; o “recalque”, conceito necessário na obra freudiana, o qual deveria ocorrer para coibir os extremos da paixão e dar a oportunidade ao sujeito para realizar seus impulsos libidinais dentro do “pacto social”, sob a referida captura, se transformaria na “Mais-repressão” e assim por diante (Marcuse, 1981). Ilustrando, vejamos ainda outro estudo que lê Marcuse e constata as mesmas questões:

Uma observação crítica da sociedade afluyente, segundo Marcuse, revela os efeitos da manipulação dos comportamentos humanos. Os indivíduos falam cada vez mais sobre diversidade, diferenças individuais, originalidade, porém de fato, estão se tornando cada vez mais parecidos uns com os outros, pois são permanentemente pressionados para se adaptarem a um padrão de pensamento e de comportamento unidimensionais (Konder, 2010, p. 80).³

(c) o sinistro é que a partir dessa aliança entre as ciências políticas e a psicanálise, a fim de se produzir uma subjetividade a favor da hegemonia do capitalismo tardio, apesar de tal procedimento alcançar um movimento poderoso e quase que invisível a favor dessa ordem; ainda que esses efeitos sujeitassem o homem a se identificar as próprias marcas e aos produtos do capitalismo⁴, enfim, malgrado acontecer tudo isso, pouco se discute o território da subjetividade e

3 Considerando que essa argumentação já foi desenvolvida em uma pesquisa de pós-doutorado que realizamos no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, em 2009, na UERJ, sob a tutoria da Profa. Sonia Altoé, a qual está publicada através de um artigo, na *Revista Psicanálise e Barroco*, com o título “Freud, a cultura e a tanatologia: uma leitura de Marcuse na obra freudiana”; considerando que esse artigo pode ser lido integralmente, sem nenhum custo, assim, remetemos o leitor para a leitura em questão: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/16/P&BRev16Bastos.pdf>

4 O cruel disso é que não só se está naturalizando os valores e sentidos, como também estamos esquecendo algo vital: em qualquer sociedade, inclusive democrática e laica, os valores e sentidos, além de produzidos historicamente, devem ser cultivados para fomentar o crescimento de todos e não apenas de uma minoria. Este último fato, quando ocorre, a sociedade corre o risco de caminhar para um totalitarismo, dos mais fanáticos (Comte-Sponville, 2004).

da política. Ressalta-se que essa “aliança” pode tanto criar a servidão voluntária (a qual está atualmente acontecendo a favor do capitalismo tardio), quanto as resistências a tal modelo. Quanto a isto, na próxima sessão deste artigo tentaremos desenvolver essa discussão, principalmente debatendo tais “resistências” através dos valores do “Manifesto Comunista”.

Retomando o conto, em resumo, podemos apresentar dois comentários principais: (1º) tendo em vista que a escrita de Tchekhov (1987), segundo alguns estudiosos, tais como Lukács (2011) e Eagleton (2011), pode ser aproximada da escrita realista; tendo em vista que essa proximidade se dá principalmente pelo fato de que essa escrita foi também produzida sob certo contexto pré-revolucionário da Rússia, assim, Tcherviakov, personagem central do conto em questão, vai ocupar a cena na narrativa, mas quase que totalmente identificado com o lado da tirania da ordem. Tal identificação é tão significativa que nosso personagem fará uma introjecção desses valores⁵. No caso, observe-se que ele está fazendo essa introjecção com os valores de uma ordem tirânica, que escraviza e aliena. Daí que, lamentavelmente, Tcherviakov passará a falar, a pensar e a agir como essa ordem tirânica, mesmo que tal procedimento acabe lhe prejudicando ao extremo. Obviamente, isto subentende que há ali todo um trabalho sobre a subjetividade, de forma que ela não só passa a ser moldada de acordo com os valores da ordem reinante (sinônima aqui de “subjetividade hegemônica”), como também esse sujeito se submeterá totalmente a ela. Ainda a título de ilustração, basta lembrar que depois de espirrar no seu chefe, apesar de pedir desculpas, nosso personagem começa a entrar em um processo de total servidão e punição. E o mais estranho: todo esse processo ocorre, apesar desse chefe ter lhe dito que o desculpava e que “aquilo não foi nada” e eles deveriam deixar a vida prosseguir. (2º) curiosamente, de acordo com Hélio Pellegrino⁶, às

5 Introjecção, aqui, é o momento em que o sujeito, inconscientemente, faz passar de “fora” para “dentro” os valores da ordem, mas de forma que, a partir disto, passa a adotá-los como se fossem seus. Tal procedimento tem estreita relação com a identificação (Laplanche & Pontalis, 1970).

6 Hélio Pellegrino, além de ter sido uma dos melhores psicanalistas brasileiros, teve um papel cabal no plano da esquerda brasileira: analista e poeta e assumidamente marxista e cristão, Pellegrino foi um dos fundadores do PT, por ocasião em que o “PT”

vezes pelo “dedo podemos auferir o suposto dono do corpo”, ou seja, às vezes as contradições que se vive nas microrrelações tendem a ser uma repetição das que se vive através das macroinstituições hegemônicas. O maior problema aqui é quando essa repetição, a rigor, tende a ocorrer repetindo as mazelas, vicissitudes e autoritarismos institucionais, como é o caso⁷. Enfim, neste instante, através da introjeção e do trabalho feito na subjetividade, somado agora ao processo das instituições sociais que reproduzem a égide dominante, trabalhadores como Tcherviakov são submetidos ao processo institucional de “escravidão”, “alienação” e “exploração”. Não que isto seja um fato natural ou que seja algo que não se possa mudar. Vale lembrar que se só existe “senhor” por que existe “escravo”, a questão da subjetividade hegemônica é algo cunhado a partir das principais instituições que passamos (família, creches, escolas, igrejas, hospitais, universidade etc.).⁸

era de fato de esquerda. Além disto, apresentava-se como um militante impar: ele teve papel cabal no combate à ditadura militar (1964-1985), bem como liderou um movimento, dentro da psicanálise, para denunciar médicos, os quais, à época, colaboravam com práticas de tortura durante àquela ditadura. Tais combates lhe fez ficar preso e ter um enfarto na cadeia, bem como sua expulsão da Sociedade Psicanalítica, sediada no Rio de Janeiro. Ver: Pellegrino (1988); Moura (1988).

7 O curioso é que, a propósito, há documentos, tal como o de Barsotti (2013), indicando que Lukács, em uma parte de sua obra, por ocasião de ter escrito um texto, digamos, mais ortodoxo, este texto foi lido por Lênin que o criticou. Esta crítica, entre outras argumentações, chamava a atenção do filósofo não só quanto à ortodoxia propriamente dita, mas sobre a lacuna das relações institucionais. Tal lacuna, uma vez observada, poderia ajudar na organização da vitória e dos avanços nas lutas do proletário. Lukács aceitou tais críticas e, parece-nos, apesar de ficar a vida toda “fiel” aos pressupostos do partido comunista, quem sabe, a partir dessa e de outras vivências, principalmente a partir da morte de Lênin, ele passou a repensar mais algumas contradições stalinistas nas instituições, inclusive na Hungria. Enfim, por essas e por outras, que há elementos em Lukács para que se pense uma ontologia política, sem perder de vista uma democratização socialista (Del Roi, 2013).

8 Quanto ao Homem unidimensional e a captura da subjetividade, fato que ocorre através do conjunto das instituições, neste momento, remeteremos o leitor para outro artigo, de nossa autoria, que trata deste objeto. Este artigo, que já foi aprovado e será publicado no próximo número da Revista *Katalysis*, em 2014, tem o título: “Marcuse e o homem unidimensional: pensamento único atravessando o Estado e as instituições”.

Marcuse e a dimensão estética: um alargamento da consciência junto aos pressupostos do “Manifesto Comunista”

a) Questões sobre o Manifesto Comunista

O Manifesto Comunista, obra escrita por Marx e Engels, apareceu entre nós, em sua 1ª edição, em 1848. Deste ano em diante, tem conclamado os homens para que dêem o melhor de si nos embates históricos para um mundo melhor. Sim, há aqui um convite a *melhor parte* de cada um, antes de tudo, endereçados àqueles que querem realmente a liberdade, mas longe de qualquer procedimento que se dê à custa da exploração do outro. Traduzindo: se a luta de classes sempre existiu na história humana e até agora, as relações capitalistas se sustentam no contraditório binômio de exploradores *versus* explorados, o “Manifesto” traz à tona uma série de pressupostos, os quais, em síntese, ressaltam: os proletários são a classe oprimida, mas ao mesmo tempo a classe protagonista e revolucionária. Então, uma vez conseguindo se conscientizar e se organizar, ela deverá romper com esse binômio, libertando a todos do jugo da exploração do capital. Desta feita, essa “classe revolucionária” destruirá o capitalismo, dando condições para que se instaure a sociedade comunista. Daí que, sobretudo, a questão principal do “Manifesto” sempre foi semear, partilhar e concretizar pelos quatro cantos do mundo as ideias comunistas.

Em resumo, o “Manifesto”⁹, além de breve introdução, é constituído de “três capítulos” e uma “conclusão”. Na “introdução” observa-se o dito medo do comunismo. Diante dele, então, vão se unir quase todos os poderosos do mundo (seja na época de Marx ou agora) com vistas a aniquilá-lo. Para tanto, lançam mão de todos os expedientes, inclusive da velha técnica de “demonizar” o inimigo (contraditoriamente, para o poder

9 Este artigo se baseia em uma edição do “Manifesto” que foi publicada, em primeira edição pela Garamond, em 1988, principalmente pelo fato de que ela é de um tradutor desconhecido. Este se manteve no anonimato, pois a elaborou em plena ditadura militar. Ora, à época, essa edição de tradutor “anônimo”, circulou entre os estudantes de esquerda, de mão em mão, via cópia de Xerox. Enfim, talvez para nutrir-nos ainda desse aspecto de rebeldia que em prol de uma leitura que nos liberta, não se deixa sucumbir por preconceitos e muitos menos por autoritarismos de toda ordem, adotamos a mesma edição que agora segue sendo re-editada no Brasil (Marx & Engels, 2001). Além disto, inspiramo-nos ainda nos comentários de Chico Alencar que faz ali um texto de apresentação (Alencar, 2001).

dominante, trata-se de algo corriqueiro: diante da possibilidade de serem enterrados por ideias avançadas e revolucionárias, inicialmente, esse poder tentará denegrir esse inimigo ao máximo). Independentemente disto, ainda o próprio Marx nos lembra: toda essa perseguição, paradoxalmente, em si, já nos mostra a força das ideias comunistas, pois que ninguém jogaria pedras se a árvore não fosse frutífera¹⁰.

No “Primeiro Capítulo: Burgueses e Proletários” se vê, sobretudo, dois pontos importantes: de um lado, Marx aponta que a história humana é a da luta de classe¹¹. De outro, a escrita do manifesto, em pleno século XIX, genialmente levanta a hipótese de que, a partir do comércio e das rotas que daí se abriria, o mundo viveria um processo de globalização capitalista, no qual o importante seria apenas o lucro. Evidentemente estamos traduzindo essa escrita com as palavras de hoje, mas o espírito da escrita que está ali no “Manifesto” tem um conteúdo claro em termos da referida questão: em pleno século XIX, antevê a hipótese de que com o passar dos anos, caso

10 Quanto ao medo que foi criado contra o comunismo, no próprio estudo do “Manifesto”, há algumas questões que o põe abaixo. Vejamos dois exemplos principais: 1º- o comunismo quer acabar com a propriedade privada, inclusive pessoal: esta é uma das piores besteiras que os anticomunistas espalharam por aí. Alencar (2001), ilustrando, lembra que em 1989, quando o Lula quase conquistou a presidência, mas sob o contexto em que ele estava realmente comprometido com a esquerda, espalhou-se que, ele vencendo, as famílias de classe média teriam de dividir suas casas com os sem-teto. Ora, apesar da burra propaganda anticomunista, aqui o Manifesto é claro: “O comunismo não retira a ninguém o poder de apropriar-se de sua parte de produtos sociais, tira apenas o poder de escravizar o trabalho de outrem por meio dessa apropriação”; 2º- os comunistas querem acabar com a família e com a educação: ora, eis outra bobagem que não se sustenta. Mas, ao escutá-la, devemos perguntar “como e por quê?”. Ou seja: “indague se uma família pode viver com o salário mínimo; (...) se é digna de uma família uma moradia sem fornecimento regular de água, sem serviço de esgoto (...). E se uma criança pode ser “educada para a vida” numa escola pública abandonada pelo governo, que finge que paga aos professores e funcionários. Pergunte se alguém passando fome pode entender o valor da família” (Alencar, op. cit., p. 24-25).

11 Alencar (2001) adverte que levando isso ao pé da letra, corremos o risco de certa simplificação da história, pois poderemos estar olhando para o passado pelo determinismo ou pelo evolucionismo. Quanto ao determinismo: o erro seria pensar que mais dia menos dia, sem muito esforço, através dessa “luta” o mundo se tornaria socialista. Quanto ao evolucionismo: pensar que necessariamente nossa civilização é a evoluída e a do passado, menos evoluída, tal fato seria certo colonialismo cultural. Entretanto, malgrado tais argumentos, isto não invalida a questão de luta de classe para que, hoje, possamos superar o capitalismo.

não haja uma revolução socialista efetiva, o capitalismo se globalizaria e poderia explorar a todos pelo mercado (Marx & Engels, op. cit.).

O “Segundo Capítulo: Proletários e Comunistas” traz questões sui generis acerca destes dois grupos, os quais, além de se complementarem nas lutas anticapitalistas, Marx apresenta algumas questões a respeito. Dentre as várias questões levantadas, vemos que talvez para evitar os supostos “igrejismos” e sectarismos diversos, próprios de todo movimento humano, além de deixar claro que ser comunista é não ser sectário, destaca-se o seguinte: “Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários” (op. cit., p. 65).

Isso indica que Marx está argumentando que não deve existir “o partido da verdade única” em prol das lutas proletárias, mas, se existirem várias outras agremiações que estejam identificadas realmente com as causas e objetivos maiores dos proletários, o importante é identificar e apoiar o que pode beneficiar a classe revolucionária. Em outras palavras, acima de tudo, aqui os comunistas devem se juntar aos operários e, com isto, realizar o que se diz que é o seu “o objetivo imediato”:

Objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todas as frações do proletariado: organização dos proletários em partido de classe, destruição da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletário (Marx & Engels, op. cit. p. 65).

Ora, esses comentários de Marx sobre os comunistas servem de advertência a fim dar elementos críticos para que repense seu papel, pois cada comunista deve ser sempre ao lado do proletário. Assim, de outra parte, não invalida que os comunistas fundem um partido, o qual possa ajudá-los com mais propriedade para que a classe revolucionária destrua a supremacia burguesa: “Admitir democraticamente que não constituíam o único grupo a defender o proletário não significou para os comunistas do “Manifesto” a negação de sua identidade. Aliás, o manual revolucionário foi escrito exatamente para afirmá-la. E a identidade própria dos comunistas está, por um lado, no internacionalismo, que parte do entendimento de que os interesses da classe trabalhadora são os mesmos em todo mundo”. Ademais, “o Manifesto atribui aos comunistas mais decisão, avanço, lucidez e liderança do que às outras frações que buscam representar o proletariado” (Alencar, op. cit., p. 23).

Quanto ao “Terceiro Capítulo: Literatura socialista e comunista”, aqui vê-se que há um debate sobre os diferentes tipos de socialismos: (a-) socialismo reacionário; (b-) socialismo conservador ou burguês; (c-) socialismo e o comunismo crítico-utópico. Interessante é que o texto condena todos os que são apresentados ali. Sim, talvez faça questão de se apresentar assim, principalmente para dizer que ser comunista não é esperar que os “caminhos estejam prontos”, mas é algo que precisa ser construído, junto com a classe revolucionária. Na realidade, pela leitura do “Manifesto”, vemos que o socialismo marxista, o qual pode nos conduzir à sociedade comunista, é aquele que se faz pelas lutas históricas contra a exploração capitalista. Além de apontar que o sujeito social aqui é a classe proletária, o objetivo maior dessas lutas é emancipar o homem, criando uma ruptura social que destrua de vez o capitalismo. Mas, como se dizia, o gênio de Marx no texto em questão é nos dar uma espécie de “parâmetro geral”, porém, ao mesmo tempo, nos cobra a participação crítica a fim de que, munidos dessas informações vitais, junto com a classe revolucionária possamos criar condições concretas para que essa “ruptura” ecloda. Em outras palavras, neste ponto, a leitura do “Manifesto”, além de nos provocar o pensamento crítico, parece que nos diz: ser comunista, antes de tudo, é ter espírito de garimpeiro. Este, quando busca suas “pepitas de ouro” (a busca por condições objetivas em prol da revolução proletária), depois de colocar e retirar a sua peneira d’água, tal garimpeiro não aprende a separar a ganga do verdadeiro ouro...?

Então, chegamos às “Conclusões” do “Manifesto”. Ali, como se pode observar, toda essa escrita poderia ser apresentada através da máxima: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”. Sim, isto subentende que, de um lado, sem a devida organização da classe revolucionária e de todos os setores que podem apoiá-la, tudo será em vão. De outro, há também aqui um desafio: para que nós possamos nos unir, nos organizar, faz-se necessário observar, estudar, refletir e difundir o conjunto de pontos e valores que são trazidos à baila pelo “Manifesto”. Assim, como estamos discutindo alguns deles, antes de passar para a outra parte do capítulo, que irá relacioná-los com a dimensão estética, vamos deixar o leitor com mais alguns princípios do “Manifesto”, para que ele próprio tire suas reflexões¹².

12 Dentre as várias diretrizes importantes do “Manifesto”, destacamos: “1ª - Expropriação da propriedade rural e confiscação da renda da terra em proveito do Estado. 2ª- Imposto fortemente progressivo. 3ª - Abolição do direito de herança. 4ª - Con-

b) Questões sobre a Dimensão estética de Marcuse e o “Manifesto”

“Esta máquina mata fascista”
Woody Guthie¹³

Pensar na dimensão estética, para Marcuse (1986), é não só estar diante do objeto das artes, mas também dar especial atenção para como essa “estética” contribui com as mudanças históricas, que objetivam destruir o capitalismo. O projeto da “estética marxista” de Marcuse é amplo, mas, neste artigo, vamos delimitá-lo principalmente na análise de dois pontos básicos: a questão da arte e da contribuição na ampliação da consciência histórica (criação de uma subjetividade rebelde); a estética de Marcuse e criação de um “fora”, o qual, inspirado em algumas questões do “Manifesto”, podem contribuir na disseminação das lutas anticapitalistas¹⁴.

Ilustrando, discutamos isso a partir do filme, de Martin Scorsese, “O Lobo de Wall Street”. Nesta película, há o personagem Jordan Belfort, interpretado pelo ator Leonardo Di Caprio, que sem nenhum pudor, defende uma máxima que é de suma importância para o capitalismo globalizado. Tal máxima, que é uma frase fiel ao modo de vida desses ditos vencedores

fiscação da propriedade de todos os emigrantes e de todos os contra-revolucionários. 5ª - Centralização do crédito nas mãos do Estado por meio de um banco nacional com capital estatal e com o monopólio exclusivo; 6ª - Centralização, nas mãos do Estado, de todos os meios de transporte; 7ª - Expansão das manufaturas e dos instrumentos de produção do Estado, exploração das terras incultas e melhoramento, segundo um plano geral, das terras cultivadas; 8ª - Trabalho obrigatório para todos, organização de brigadas industriais, particularmente para a agricultura; 9ª - Combinação do trabalho agrícola e industrial, no sentido de fazer desaparecer a distinção entre a cidade e o campo; 10ª - Educação pública e gratuita de todas as crianças, abolição do trabalho infantil nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material etc.” (Marx & Engels, op. cit., p. 73-74).

13 Essa frase estava grafada no violão do compositor e cantor Guthie e, assim, ao lê-la, Bob Dylan passou a adotá-la como objeto de inspiração.

14 A “dimensão estética” de Marcuse aborda questionamentos diversos: eles vão desde se opor a se reduzir a estética marxista apenas ao realismo soviético (Marcuse, 1969b), quanto a uma rediscussão da pulsão de Eros e de Tanatos, freudianamente falando, com vistas a se criar um Novo Princípio de Realidade. Este, a título de ilustração, deverá sustentar as mudanças concretas e subjetivas para a implantação de uma sociedade socialista. Sobre isto, entre outras obras, sugerimos a seguinte leitura: Bastos (2013).

e também a antítese dos sentidos e dos valores apresentados pelo “Manifesto”, diz o seguinte: *“A ganância, sob todas as hipóteses, é o grande motor da vida”*. E mais um dado: Jordan é um corretor de *Wall Street* que fez fortuna vendendo “mentiras” a seus clientes: “Este é o meu trabalho”, argumenta. “Aqui, o que me importa é ficar muito rico!”. Então, na vida real e na tela do computador, ele vê sua fortuna crescer estrondosamente, ao mesmo tempo em que as pessoas, em função desse seu lado empreendedor, vão sendo lesadas. Detalhe: a fortuna de Belfort vai sendo construída à custa do prejuízo de todas as classes sociais, mas, em especial, da classe de quem tem pouquíssimas rendas. Sim, tudo em nome da glamorização do sonho americano e a partir de um dos centros financeiros dos mais importantes do mundo¹⁵.

Apesar de observarmos que boa parte da vida de Martin Scorsese - o diretor do filme em questão - não foi fácil, pois do ponto de vista financeiro ele e sua família moravam em uma região a qual poderia ser designada como da classe proletária nos Estados Unidos, não podemos afirmar que Scorsese seja marxista. Alguns críticos o consideram um cineasta que tende a retratar a visão das minorias por alguns tipos que são às vezes anti-heróis contra uma sociedade em decadência e, às vezes, agem em papéis opostos em uma sociedade com sentido inverso (Schickel, 2011)¹⁶. Enfim, ainda que Scorsese também não possa ser apresentado como aquele que produz filmes pela estética realista, há nesse filme contribuições que o

15 Considerando que há algumas pessoas, as quais, para chegarem ao topo da pirâmide do capitalismo, agem de forma praticamente fanática em prol da acumulação, neste ponto, não podemos deixar de fazer a relação com W. Benjamin. Este, relacionando o amor aos produtos e ao consumo como uma dedicação que se traduz por uma paixão visceral, chegou a hipotetizar que o pior dos dias, para usar de uma metáfora, será quando o capitalismo for vivido como uma religião: o próprio usuário se colocará como um amante inconsciente dos produtos e das marcas, de forma que em função disto sempre se deverá dar tudo, na maior desmedida e rompendo com todos os padrões mínimos da lógica e da crítica (Benjamin, 2013).

16 Através de Bergan (2010) infere-se que Martins Scorsese não produz um “cinema realista”, o qual traz questões sociais e históricas de forma direta à baila. Scorsese é alguém que faz filmes em Hollywood, mas mantém uma visão mais à esquerda do estabelecido americano. De outro lado, o cineasta Eduardo Coutinho, que é a favor de que se crie um cinema político, mas sem o viés de doutrinador evangélico, diz-nos: “O filme militante é uma tragédia porque já está escrito antes. Convencer o já convencido é terrível, fazer um filme para convencer alguém é terrível” (Palestra em Mostra Internacional do Cinema em S. Paulo, em 2013).

aproximam da estética de Marcuse e podemos discuti-la junto ao “Manifesto”¹⁷. Em outras palavras, a implicação desse filme de Scorsese com o processo de estetização de Marcuse junto aos valores do “Manifesto” se dá principalmente através de uma dialética negativa. Assim, vemos: em vez de se falar diretamente que a usura é algo condenável, pois prejudica a todos, o cineasta mostra um personagem que leva ao extremo tal valor; no lugar de mostrar diretamente que devemos abolir a propriedade privada, que devemos cultivar o valor coletivo a fim de que possa prosperar em termos da grande maioria, mostra-se justamente o contrário: Jordan é apresentado como o sujeito que, acima de tudo, faz valer apenas o seu desejo, os seus interesses, a sua prosperidade, mesmo que isto se traduza em prejuízo ao outro e a todos a sua volta.

Talvez por que no Brasil, a partir de suas elites, em geral, há uma tendência por copiar esse “modelo americano de sucesso”, algumas críticas dos jornais brasileiros reproduziram um dos comentários que figurou entre alguns jornais dos Estados Unidos: o personagem pode até ter errado, pois tecnicamente isso não é permitido no mercado de investidores; contudo, isto será esquecido, já que o mais importante é que Jordan saiu da pobreza e chegando em Wall Street, “fez U\$ 23 milhões em duas horas” (Miranda, 2014).

A dimensão estética de Marcuse, de um lado, é um dispositivo que nos ajuda a entender como os artefatos da arte (literatura, cinema, artes plásticas etc.) podem ajudar a moldar a subjetividade, em geral, a favor da cultura dominante. Assim, não é à toa que, a propósito, sob a cultura capitalista atual observamos a produção de uma subjetividade hegemônica, através da qual o personagem do filme em discussão “encarna” muito bem: “Vou lhe dizer uma coisa, eu já fui pobre e já fui rico. E, assim, devemos escolher ser ricos por toda a porra do tempo...!”. Aqui, entre outras argumentações, estamos diante de alguém que está totalmente identificado com a cultura do lucro e das marcas, como já vimos na primeira parte deste artigo. O contra ponto é que, por mais pretensamente forte que seja essa

17 Curiosamente, esse e outros fatos semelhantes nos lembram que há aqui uma contradição entre autor e obra, a qual o próprio Lukács, a propósito de Balzac, ao tentar aproximá-lo da escrita realista, já nos advertia: existem os que vivem uma vida que às vezes se aproxima de lados reacionários, mas eles produzem uma obra, tal como a de Balzac, a qual tem grande proximidade com a escrita realista que fissurou a burguesia de seu tempo (Lukács, 1968).

cultura capitalista, há brechas. Procurá-las, diz-nos Marcuse (1969), é um dos grandes desafios. Esta é a tarefa dos que aceitam dar de si pelas lutas anticapitalistas e se opõe ao suposto “fim da história”.

De outro lado, essa estética de Marcuse também pode nos ajudar a pensarmos as resistências contra a “Unidimensionalidade” reinante que quer nos fazer ver que não há brechas e que estamos diante do fim da utopia socialista ou o fim da história. Nesta situação, estamos pensando na dimensão estética pela criação de um ‘fora’. Tal fora, obviamente, está relacionado aos valores e sentidos do “Manifesto”, ou seja, enxergar o mundo por essa situação que chamamos de “fora” é se fomentar a consciência de maneira crítica e histórica¹⁸. Apresentando de outro modo, a dimensão estética subentende a criar alguns espaços, os quais sem se restringir apenas ao realismo soviético, já que ela considera o espaço imaginário e inconsciente. Assim, cria-se aqui um dispositivo que considera tanto as condições objetivas quanto subjetivas, principalmente sem negar a produção do inconsciente. Vale lembrar que Marcuse é um autor que acha relevante unir Freud e Marx em prol das lutas históricas. E, aqui, em especial, ele está chamando a atenção para se pensar a arte como um dispositivo que, às vezes, pode ficar no “e” entre a realidade dita objetiva e o nosso imaginário, criando um “espaço”, que está à margem da unidimensionalidade do mercado. Deste lugar cuja criação pode ser inspirada nos valores do “Manifesto”, pode-se falar também em “brechas que nos façam pensar” historicamente. Tal fato, além de marcar a diferença diante de mundo submetido totalmente aos valores do mercado, dá-nos elementos para criar uma subjetividade rebelde a tudo que está instituído até então, como diz Marcuse. Daí que esse “fora” ou esse “espaço” pode inspirar não só poemas, quadros, textos teatrais, mas também consciências históricas em cada indivíduo. Estas consciências, ao despertarem, podem se articular com os movimentos organizados dos partidos, dos sindicatos e de outros movimentos realmente de esquerda, a fim de que se cunhem condições para que a classe proletária realize o sonho de ruptura com a sociedade capitalista.

Esse “fora”, pela discussão estética de Marcuse, a título de ilustração, pode ser visto de várias formas, como por exemplo, através de um poema de Drummond: “De mãos dadas”. Nele o poeta mineiro, a nosso ver, sutil-

18 Sobre isso, dizia-nos o filósofo: “A arte pode, de fato, tornar-se uma arma, ao promover mudanças na consciência predominante” (Marcuse, 1978b).

mente inspirado em alguns valores do “Manifesto”, sugere que se saia um pouco desse “mundo caduco”, menos para “cantar um futuro” (romanticamente falando), mas para mergulharmos no presente (concreto e objetivo). Daí que é deste lugar, o qual às vezes nos fere, que não devemos nos afastar muito e ... “Vamos de mãos dadas” (Drummond, 2008). De outro lado, esse “fora” também pode ser aproximado do teatro de Brecht, especialmente quando este dramaturgo marxista escreve suas peças para ressaltar a dita técnica de distanciamento. Esta, que é erroneamente confundida como uma interpretação de menos emoção, antes de tudo, trata de criar momentaneamente um “espaço de fora”: espaço diverso a vida cotidiana e burguesa, sobretudo para podermos pensá-la, criticá-la. Enfim, Brecht quer que seu teatro promova o seguinte: “1- faça com que os problemas dos homens sejam compreendidos a partir da única perspectiva justa, que é a historicista; 2- ajude os homens a compreender suas contradições, contribuindo para que eles a superarem de maneira ativa” (Konder, 1967, 134).

Voltando ao aforismo de Woody Guthie que abre esta última parte, poderíamos ainda argumentar: considerando que o capitalismo atual cria uma unidimensionalidade em todos os países (submetendo as subjetividades e as instituições sociais ao consenso mercadológico); considerando que isto tende a nos submeter a um totalitarismo, desses que nos impede de pensarmos diferente do “partido único do mercado” (Marcuse, 1982; 1978; 1978b), Guthie que foi um músico, inspirado em valores marxistas, escrevendo em seu violão, deixou-nos o seu recado estético: “O violão de cada um de nós pode criar a diferença e matar o totalitarismo do mercado...!”

Principais Conclusões

1) Marcuse pode contribuir em termos dos Marxismos do século XXI, especialmente no espírito de se “tocar o alarme de incêndio” contra a barbárie capitalista, acima de tudo, pela sua discussão sobre a consciência. Antes de Marcuse ser acusado de estar entre os autores que pensam a consciência reduzindo-a ao mero subjetivismo, é preciso ver o seguinte: (a) dentro da esquerda, Marcuse é um dos poucos autores que lançando mão da psicanálise e associando a questão da consciência ao estudo da subjetividade, mas mesclando-o com os valores marxistas, aponta para conclusões sui generis a respeito. Em outras palavras, partindo disto, cons-

tatamos que é possível observar a criação de “consciências”, sobretudo, de duas maneiras: de um lado, a grande maioria delas tende a aparecer pela produção dos “valores de troca”(subjetividade hegemônica, que está praticamente em identificação total com o homem unidimensional/capitalismo tardio). De outro, existem também aquelas que emergem, porém são baseadas em valores opostos ao de “troca”, tal como vimos, aqui, através do “Manifesto”. Neste particular, Marcuse sinaliza que essas consciências aparecem por todo um trabalho inspirado nos valores marxistas, os quais, aliados a discussão de uma “dimensão estética”, há grandes probabilidades de se produzir subjetividades rebeldes. (b) Outra confusão que se faz, entre alguns meios, é o filósofo de Frankfurt lançar mão da psicanálise para o trabalho de mudança marxista. Aqui, acima de tudo, é preciso lembrar que Marcuse não concorda com a leitura da psicanálise americana. Tal psicanálise, que é representada, entre outros nomes, por E. Fromm, mesmo falando em social, ela é adaptadora aos valores da sociedade americana. De outra feita, Marcuse também não concorda com a leitura da psicanálise que a leva extremamente para o lado simbólico, de forma a dizer que o “social só existe a partir da ordem do símbolo”. Marcuse lança mão da psicanálise freudiana, pois nela há assumidamente a compreensão de que existe uma relação dialética entre a produção do desejo inconsciente e a sociedade, gerando “consciências” mais subjugadas ou mais emancipadas. (c) Se Coutinho (2000), a nosso ver, trouxe contribuições para o campo da esquerda apontando que “sem socialismo não há democracia, sem democracia não há socialismo”, Marcuse, de outro lado, dá também sua colaboração no plano da consciência. Em outras palavras, se pensarmos que a liberdade, além de ser algo vital, não pode ser reduzida apenas a questão individual da consciência, contudo, mesmo considerando isto, a liberdade também será um engodo se a pensarmos sem essa consciência individual. Daí que é deveras importante a discussão da consciência, como o filósofo aponta, pois que só através do socialismo que ela pode ser verdadeiramente emancipada¹⁹.

19 Concordando que uma das contribuições de Marcuse passa atualmente pelo debate de uma “consciência emancipada”, a qual precisa ser discutida e libertada da subjetividade capitalista, diz-nos Konder (2010, p. 79): “A lógica de uma economia que gira, de modo cada vez mais exclusivo, em torno do mercado exaspera o exercício de uma autonomia ilusória por parte dos indivíduos. O eu é simultaneamente afogado e enfraquecido. Seu poder é exaltado, sua independência é proclamada e, no entanto, ele vai se tornando cada vez mais disponível para aceitar um comando externo, que acarreta uma insensibilização da consciência moral e da responsabilidade pessoal”.

2) A crítica ao “homem unidimensional”, bem como a estética de Marcuse, aliada aos valores marxistas (que, no caso, foram apresentados aqui através do “Manifesto”) pode ser de grande valia para que se inspirem os indivíduos e os grupos sociais para as lutas anticapitalistas. Obviamente, esses procedimentos podem funcionar como apoio para que, criando as devidas condições históricas, a classe proletária, cumprindo seu papel de protagonista, faça a ruptura em prol da sociedade socialista. Assim, é equivocado associar Marcuse como aquele que quer dividir o pensamento de esquerda entre os que querem mudanças pelas “reformas” (sejam elas subjetivas e/ou culturais) X mudanças objetivas e realistas pela ruptura social e histórica. Para tanto, além do que foi apresentado neste artigo, vale reproduzir a própria palavra do filósofo a respeito: “ Reformas podem e precisam ser feitas. Tudo que se puder fazer para aliviar a produção e a miséria precisa ser tentado. Mas a opressão e a exploração pertencem à própria essência da produção capitalista, tal como a guerra e a concentração do poder econômico. Isso significa que mais cedo ou mais tarde se chega a um ponto no qual as reformas necessárias entram em choque com os limites do sistema. Atingido esse ponto, no qual o sistema bloqueia as reformas, impõe-se a questão: a revolução é possível?” E o filósofo, evidentemente, responde que sim (Marcuse, 1974, p. 28). E, Leandro Konder, em seus estudos sobre Marcuse, ainda complementa: “As reformas necessárias, desde que realizadas de maneira conseqüente, acabam preparando as condições em que a revolução se apresenta na ordem do dia” (Konder, 2010, p. 82).

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Chico. Rebeldes com causa/ apresentação. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Coleção Folha/ grandes escritores, 2008.
- BARSOTTI, Paulo. *Notas sobre ontologia e política em Lukács*. In: Del Roio, Marcos (org.) Gyorgy Lukács e a emancipação humana. São Paulo: Boitempo & Fapesp, 2013.
- BASTOS, Rogério Lustosa. A escrita acadêmica e a escrita literária. Marcuse e a estetização na produção do saber científico. In: Montañó, Carlos

& Bastos, Rogério Lustosa (org.). *Conhecimento e sociedade: ensaios marxistas*. São Paulo: Outras expressões, 2013.

BERGAN, Ronald. *Ismos: para entender o cinema*. São Paulo: Globo, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

DEL ROIO, Marcos. Lukács e a democratização socialista. In: Del Roio, Marcos (org.) *Gyorgy Lukács e a emancipação humana*. São Paulo: Boitempo & Fapesp, 2013.

COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente*. Ensaios sobre a democracia e socialismo. São Paulo: Cortez, 2000.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011.

HABERMAS, J. Arte e revolução em Herbert Marcuse. In: FREITAG, B. & ROUANET, S. P. *Habermas: sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.

KONDER, Leandro. Herbert Marcuse. In: Konder, Leandro. *Em torno de Marx*. São Paulo: Boitempo, 2010.

KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LOWY, Michel. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUKÁCS, Gyorgy. *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70, 1986.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização; uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MARCUSE, Herbert. *Contra-revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARCUSE, Herbert. Arte e revolução. In: Marcuse, Herbert. *Contra-revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978b.

MARCUSE, Herbert & POPPER, Karl. *Revolução ou Reforma?* Uma confrontação. Lisboa: Moraes, 1974.

MARCUSE, Herbert. *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MARCUSE, Herbert. *O socialismo soviético*. Rio de Janeiro: Saga editora, 1969b.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto comunista. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MIRANDA, André. Lobo mau. Acusado de glamorizar golpista de Bolsa de NY, filme de Scorsese indicado a cinco Oscars estreia amanhã no Brasil entre muita polêmica, drogas, sexo e palavrões. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 23/01/2014. Segundo Caderno, p. 1.

MOURA, João Carlos (org.). *Hélio Pellegrino A-Deus*. Petrópolis: Vozes, 1988.

PELLEGRINO, Hélio. *A burrice do demônio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

SCHICKEL, Richard. *Conversas com Scorsese*. São Paulo: Cosac-Naify, 2011.

TCHEKHOV, A. A morte de um funcionário. In: ____ . *Contos e novelas*. Traduzido para o português pela embaixada russa. Moscou: Ráduga editora, 1987.

* Rogério Lustosa Bastos é Professor Associado da ESS/UFRJ; Coordenador e Pesquisador de Estudos sobre Marxismo, *Teoria Crítica* e Subjetividade (EMARCS/UFRJ-CNPQ); Pós-Doutor em Psicanálise pela UERJ. <rogerlustosa@ufrj.br>

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

REITOR

Carlos Antônio Levi da Conceição
PRÓ-REITORA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Débora Foguel

**ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
DIRETORA**

Mavi Pacheco Rodrigues
VICE-DIRETOR
Marcelo Braz

**DIRETORA ADJUNTA
DE PÓS-GRADUAÇÃO**
Rosana Morgado

EDITORES

José María Gómez (ESS - UFRJ)
José Paulo Netto (ESS - UFRJ)
Maria de Fátima Cabral Marques Gomes
(ESS - UFRJ)
Myriam Lins de Barros (ESS - UFRJ)

COMISSÃO EDITORIAL

Luis Eduardo Acosta Acosta (ESS-UFRJ)
Rogério Lustosa Bastos (ESS-UFRJ)

CONSELHO EDITORIAL

Alcina Maria de Castro Martins (ISMT,
Coimbra-Portugal), Ana Elizabete Mota
(UFPE-PE), Antonia Jesuíta de Lima
(UFPI-PI), Berenice Couto (PUC-RS),
Casimiro Balsa (CESNOVA/UNL-
Portugal), Cibele Rizeck (USP-SP), Cleusa
dos Santos (UFRJ-RJ), Consuelo Quiroga
(PUC-MG), Denise Bomtempo Birche de
Carvalho (UNB-DF), Edésio Fernandes
(University College London - Inglaterra),
Elizete Menegat (UFJF-MG), Helena
Hirata (GEDISST-GNRS-França), Ivete
Simionatto (UFSC-SC), José Fernando
Siqueira da Silva (UNESP-SP), Júlio de
Assis Simões (USP-SP), Leilah Landim
(UFRJ-RJ), Liliane Capilé Charbel Novaes
(UFMT-MT), Marcelo Badaró (UFF-
RJ), Margarita Rosas (Universidad de La
Plata-Argentina), Maria Carmelita Yasbeck
(PUC-SP), Maria da Ozanira Silva e Silva
(UFMA-MA), Maria das Dores Campos
Machado (UFRJ-RJ), Maria Liduína de

Oliveira e Silva (UNIFESP-SP), Maria
Lúcia Carvalho Silva (PUC-SP), Maria
Lucia Martinelli (PUC-SP), Maria Lúcia
Weneck Vianna (UFRJ-RJ), Michael Lowy
(EHESP-França), Monica Dimartino
(Universidad de La Republica de Uruguay-
Uruguai), Neli Aparecida de Mello (USP-
SP), Potyara Amazoneida Pereira (UnB-
DF), Ricardo Antunes (UNICAMP-SP),
Rogério Lustosa Bastos (UFRJ-RJ), Salviana
Pastor Santos Sousa (UFMA-MA), Sérgio
Adorno (USP-SP), Sueli Bulhões da Silva
(PUC-RJ), Sulamit Ramon (London School
of Economics-Inglaterra), Valéria Forti
(UERJ-RJ), Vera da Silva Telles (USP-SP),
Vera Lúcia Gomes (UFPA-PA), Vicente de
Paula Faleiros (UnB-DF).

ASSESSORIA TÉCNICA

Fábio Marinho
Márcia Rocha

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Márcia Rocha

REVISÃO

Maria de Fátima Migliari

PESQUISA DE IMAGENS

Márcia Rocha

**DESIGN EDITORIAL
E DIAGRAMAÇÃO**

Fábio Marinho

WEB DESIGN

Fábio Marinho

Escola de Serviço Social - UFRJ
Av. Pasteur, 250/fundos (Praia Vermelha)
CEP 22.290-240 Rio de Janeiro - RJ
(21) 3873-5386
praiavermelha.ess.ufrj.br

Foto de Capa: Manfred Brückels